

PERFIL SOCIOECONÔMICO E PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS VISITANTES NO MIRANTE DO BOTO, MOCAJUBA – PA: UM ESTUDO SOBRE TURISMO DE INTERAÇÃO

**SOCIOECONOMIC PROFILE AND ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF
VISITORS AT THE MIRANTE DO BOTO, MOCAJUBA – PA: A STUDY ON
INTERACTIVE TOURISM**

**PERFIL SOCIOECONÓMICO Y PERCEPCIÓN AMBIENTAL DE LOS VISITANTES
EN EL MIRANTE DO BOTO, MOCAJUBA – PA: UN ESTUDIO SOBRE TURISMO
DE INTERACCIÓN**

**Thamara Nunes de Souza¹, Luana Lopes Costa², Maria de Nazaré Rossy Câmara³, Ana Lúcia
Nunes Gutjahr⁴, Carlos Elias de Souza Braga⁵**

DOI: 10.54899/dcs.v22i83.3081

Recibido: 10/07/2025 | **Aceptado:** 17/07/2025 | **Publicación en línea:** 24/10/2025.

RESUMO

A percepção que cada indivíduo possui da natureza é diversa e influencia o reconhecimento e a relação estabelecida com o meio ambiente. Para muitos, a natureza é fonte de felicidade, tranquilidade e bem-estar, especialmente durante escapadas de centros urbanos para áreas verdes. Compreender essa relação homem-natureza é fundamental para desenvolver ações de conservação e manejo sustentável de espaços biodiversos. Este estudo objetiva analisar o perfil socioeconômico e a percepção ambiental de visitantes do Mirante do Boto, localizado em Mocajuba, Pará, incluindo tanto turistas quanto moradores da região do Baixo Tocantins. Utilizando um questionário semi-estruturado aplicado a 100 indivíduos, os resultados mostram que 56% dos entrevistados são do sexo feminino; 67% demonstram medo dos botos; 97% consideram importante a conservação dessas espécies; e a prática de oferecer alimentos aos botos é comum no local de interação, sendo vista por muitos como uma atividade relevante para o turismo. Conclui-se que novas abordagens de turismo, como o turismo de base comunitária, fortalecimento do turismo de observação e ações de conscientização, devem ser incentivadas, além do desenvolvimento de políticas públicas específicas para o espaço.

¹ Mestre em Ciências Ambientais, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.
E-mail: thamarabioaa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7681-4828>

² Mestre em Ciências Ambientais, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.
E-mail: llopes2907@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7824-6989>

³ Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Belém, Pará, Brasil. E-mail: mariachan1515@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5712-3658>

⁴ Doutora em Entomologia, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.
E-mail: melcam@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7806-3069>

⁵ Doutor em Entomologia, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil.
E-mail: bragaelias@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4621-8932>

Palavras-chave: Turismo. Ecoturismo. Percepção Ambiental. Conservação. *Inia araguaiaensis*.

ABSTRACT

The way individuals perceive nature varies widely and influences their relationship with the environment. Nature is often associated with feelings of happiness, tranquility, and well-being, especially during escapes from urban centers to green spaces. Understanding this human-nature relationship is essential for designing conservation and sustainable management strategies. This study aims to analyze the socio-economic profile and environmental perception of visitors at Mirante do Boto in Mocajuba, Pará, including tourists and local residents. A semi-structured questionnaire was applied to 100 individuals. The results reveal that 56% are female; 67% have fears regarding dolphins; 97% value dolphin conservation; and feeding dolphins is a common practice, viewed as important by many for local tourism. It is recommended to consider new tourism approaches, such as community-based tourism, observation tourism, awareness campaigns, and the formulation of specific public policies for the site.

Keywords: Tourism. Ecotourism. Environmental Perception. Conservation. *Inia araguaiaensis*.

RESUMEN

La percepción de cada individuo respecto a la naturaleza varía, contribuyendo al reconocimiento y vínculo con el medio ambiente. Para muchos, la naturaleza es fuente de felicidad, tranquilidad y bienestar, especialmente durante escapadas de áreas urbanas hacia espacios verdes. Comprender esta relación entre el hombre y la naturaleza es esencial para diseñar acciones de conservación y gestión sostenible de espacios biodiversos. Este estudio analiza el perfil socioeconómico y la percepción ambiental de los visitantes del Mirante do Boto, en Mocajuba, Pará, incluyendo turistas y residentes locales. Se aplicó un cuestionario semi-estructurado a 100 participantes. Los resultados revelaron que el 56% eran mujeres; el 67% manifestaron temor hacia los delfines; el 97% consideran importante su conservación; y alimentar a los delfines es una práctica habitual, vista como relevante para el turismo local. Se recomienda promover el turismo comunitario, la observación responsable, campañas de sensibilización y la formulación de políticas públicas específicas para el espacio.

Palabras clave: Turismo. Ecoturismo. Sensibilización Ambiental. *Inia araguaiaensis*.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

No Brasil, observa-se a existência de várias atividades turísticas de interação com a natureza. O contato com o meio ambiente desempenha papel fundamental na saúde física e mental do ser humano, proporcionando momentos de reflexão, conexão e equilíbrio emocional. Nesse

contexto, o turismo surge como ferramenta de aproximação entre sociedade e natureza, promovendo lazer, educação ambiental e conscientização para a conservação de ecossistemas e espécies ameaçadas, como o boto do Araguaia (*Inia araguaiaensis*, Hrbek *et al.*, 2014), endêmico da bacia Araguaia-Tocantins.

Essas atividades envolvem contato direto com animais silvestres em diferentes ambientes, incluindo unidades de conservação, parques e espaços públicos. Por exemplo, em Fernando de Noronha (PE), tem-se a interação a partir da observação de tartarugas marinhas, golfinhos rotadores, tubarões, diversos peixes etc. (Santoro, 2014). Na Bahia e em Santa Catarina, em determinadas estações, são realizadas observações de Baleia Franca, e no Pantanal há interação com aves e felinos (Moreira *et al.*, 2019), já no Amazonas as interações podem ser feitas com aves, primatas, felinos, jacarés e mamíferos aquáticos (Menegaldo *et al.*, 2013).

Em relação aos mamíferos aquáticos, há uma grande comoção com os cetáceos, devido estes serem considerados animais carismáticos e de fácil visualização no seu ambiente natural. O Mirante do Boto, localizado em Mocajuba, Pará, tornou-se um espaço emblemático, atraindo turistas e moradores locais para a interação com os botos da espécie endêmica e ameaçada de extinção. Desde o aumento da visitação em 2017, motivado por divulgações na mídia internacional (Prefeitura de Mocajuba, 2017). Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do município de Mocajuba-PA, o Mirante do Boto recebe cerca de 1.500 pessoas em uma única semana. O início da interação com o boto-do-Araguaia neste local é incerto, sabe-se apenas que os animais começaram a aparecer no entorno do Mercado municipal pela oferta de alimentos pelos feirantes.

Vale ressaltar que até 2023 não havia nenhum documento oficial que normatizasse o funcionamento do Mirante do boto. Além disso, pesquisas nesse ponto turístico começaram a ser realizadas a partir do ano de 2013, tendo como foco a relação dos botos com as crianças e com os pescadores (Rodrigues, 2015; Santos, 2017), investigações ecológicas e de bioacústica dos animais (Melo-Santos, 2018; Echeverria *et al.*, 2022). Porém, pouco se conhece sobre o perfil dos visitantes e sua percepção ambiental, informações essenciais para a formulação de estratégias de manejo sustentável (Zeineddine *et al.*, 2018).

A gestão do espaço ainda carece de normatizações oficiais e estratégias de manejo sustentáveis. Assim, este estudo tem como objetivo analisar o perfil socioeconômico e a percepção ambiental dos visitantes do Mirante do Boto, seja eles turistas ou moradores da região do baixo Tocantins, visando contribuir com propostas de turismo sustentável e conservação da

espécie.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Perfil Dos Visitantes

O perfil socioeconômico dos visitantes é uma ferramenta fundamental para o entendimento do comportamento dos turistas, suas motivações, preferências e impactos nos destinos visitados. Segundo Vasconcellos (2018), conhecer características como idade, gênero, nível educacional, origem geográfica e poder aquisitivo permite planejar estratégias de gestão turística mais eficazes e inclusivas. A partir dessa análise, é possível identificar padrões relacionados ao tipo de atividade turística mais procurada por diferentes grupos sociais. Por exemplo, estudos apontam que jovens entre 18 e 35 anos tendem a buscar experiências de contato direto com a natureza e com a cultura local, enquanto turistas mais velhos valorizam mais o conforto e a segurança (Silveira & Souza, 2019).

Além disso, o nível de escolaridade influencia diretamente a percepção ambiental e a aceitação de práticas sustentáveis. Visitantes com maior grau de instrução geralmente demonstram maior interesse por informações ambientais e apoiam iniciativas de conservação (Brasil & Silva, 2020). Esse aspecto é particularmente relevante em áreas naturais protegidas e em atividades de ecoturismo. A origem geográfica também revela tendências importantes. Visitantes locais costumam ter maior familiaridade com a história e a cultura do local, enquanto turistas de outras regiões ou países buscam novas experiências e conhecimento (Costa *et al.*, 2021). Esses fatores devem ser considerados na elaboração de estratégias de educação ambiental e manejo turístico.

Percepção Ambiental

A palavra percepção deriva do latim *perception*, que tem uma vasta significância como o ato de perceber, sensação, intuição, representação intelectual, entre outros. Percebe-se que a significância da palavra é ampla e pode ser conceituada a partir de diferentes áreas do conhecimento (Batista *et al.*, 2020), podendo ser compreendida como estímulos sensoriais, experiências voltadas para o ambiente externo, laços afetivos, significância a impressões

absorvidas durante a vida, entre outros.

Para Santos (2020), a percepção ambiental é a interação do indivíduo com seu meio e este envolvimento se dá a partir do interesse por um objeto percebido, que está relacionado aos órgãos dos sentidos e estímulos cerebrais. Para que possa ter sensações, necessita-se sentir por meio da visão, olfato, paladar e tato, auxiliando na formulação de ideias, imagens e compreensão do mundo, considerando a influência dos aspectos físicos, químicos, sociais e educacionais de cada ser humano (Byington, 2019). Portanto, o processo de identificação da percepção ambiental é dificultoso, tendo em vista que cada pessoa atribuirá significância diferente para cada aspecto, seja ele ecológico, econômico, entre outros.

Turismo de Interação

O turismo de interação refere-se a práticas turísticas que envolvem contato direto entre humanos e elementos da fauna ou flora nativos de um determinado ecossistema. É uma modalidade crescente no contexto do ecoturismo, especialmente em áreas onde espécies ameaçadas ou carismáticas atraem a atenção do público (Rocha & Lima, 2017).

Atualmente, o turismo com interação da vida selvagem vem ganhando mais espaço em todo o mundo e tem aumentado o leque de oportunidades de interação para os turistas. Essas atividades podem estar ligadas a mergulhos recreativos, safáris, observação de baleias, observação de aves ou até mesmo visitas a zoológicos e a caça e pesca esportiva (Nunes, 2023). Hoje, com o avanço da tecnologia, o compartilhamento em massa em redes sociais facilitou a obtenção de informações sobre os lugares onde se possa interagir com a natureza, atraindo cada vez mais visitantes para esses espaços.

No entanto, a quantidade de informações em muitos casos traz referência de comportamentos inadequados perante natureza, os quais devem ser evitados para que se faça um turismo sustentável, principalmente, se ele estiver atrelado à interação com a vida selvagem (Daly, 2019). Logo, a viabilidade dessas atividades deve ser levada em conta, caso contrário a natureza estará atrelada apenas ao fator econômico e em longo prazo se terá degradação do meio ambiente (WWFBrasil, 2003). Portanto, todo dano causado aos indivíduos, à economia e ao meio ambiente da área do turismo, deve ser comunicado aos visitantes, tornando-o conhecedor da atividade que está realizando e todos os seus riscos e impactos (Krippendorf, 1987).

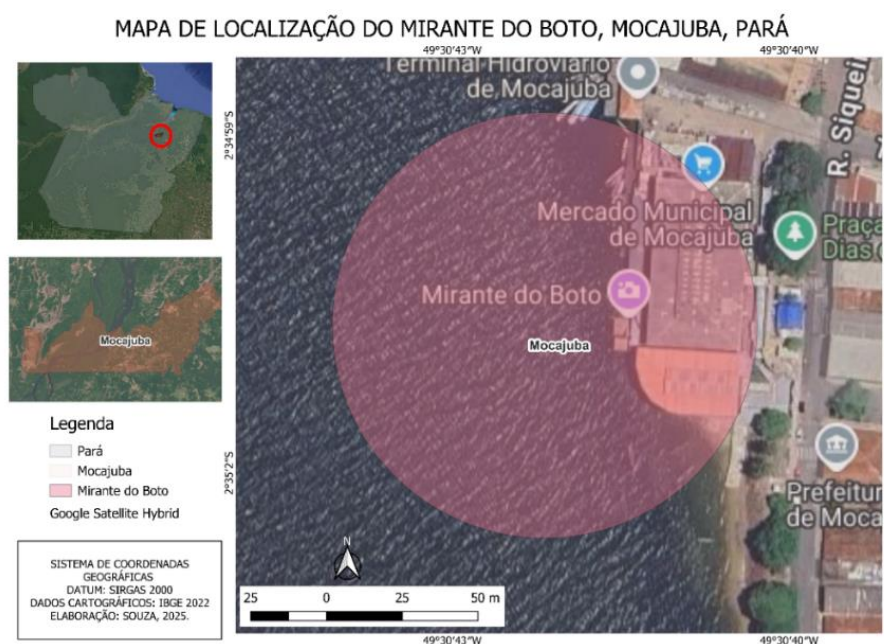
METODOLOGIA

Caracterização da Área de Estudo

Este trabalho constitui-se em uma pesquisa exploratória e descritiva, realizada no Mirante do Boto, localizado no município de Mocajuba, Pará (região do Baixo Tocantins), localizado às margens do Rio Tocantins, na mesorregião Nordeste Paraense, microrregião de Cametá, a 240 km da capital do Estado do Pará. Possui população estimada de 27 mil habitantes e área territorial de 871, 171 km² (IBGE, 2022). O Rio Tocantins que corta o município é um dos maiores do Brasil e faz parte da Bacia hidrográfica Tocantins-Araguaia. Este é classificado como rio de águas claras e de pequenas inundações (Barros, 1996). O Mirante do Boto está localizado atrás do Mercado Municipal Miguel Dias de Almeida (figura 1).

Figura 1

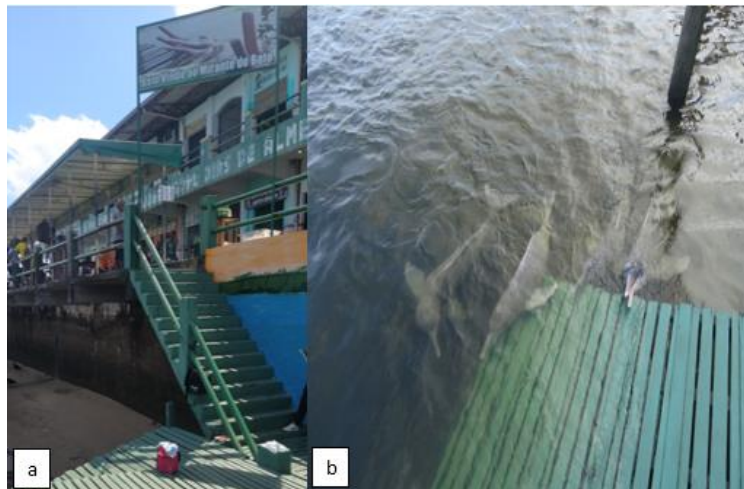
Mapa de localização do Mirante do Boto, em Mocajuba, PA.



Em 2017 foi solicitado para prefeitura na época a construção de uma rampa que daria acesso ao Rio e assim facilitaria a aproximação dos animais e a aproximação das pessoas para a interação com esses animais, como mostra na figura 2.

Figura 2

Entrada do Mirante do Boto, Mocajuba, PA.



Coleta dos Dados

O estudo adotou abordagem quantitativa, com aplicação de questionários semi-estruturados em campo, no Mirante do Boto nos meses de maio e julho de 2023 (baixa e alta temporada respectivamente). A amostra foi composta por 100 indivíduos, incluindo turistas e moradores locais, recrutados por abordagem direta para maiores de 18 anos. O instrumento abordou três blocos: perfil socioeconômico, visitação à região e percepção ambiental e turística sobre o boto. A amostragem foi não probabilística e o estudo aprovado pelo Comitê de Ética (parecer nº 6.081.004 | CAAE 68060323.2.0000.5174).

As variáveis analisadas envolveram características demográficas, atitudes, percepções ambientais e práticas de interação com os botos. Os dados coletados foram tabulados e analisados por meio de estatísticas descritivas, incluindo frequências, porcentagens e representações gráficas, visando compreender o perfil dos visitantes e suas percepções (Figura 3).

Figura 3

Aplicação do formulário semiestruturado para visitante do Mirante do boto no município de Mocajuba, Pará.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil do Visitante do Mirante do Boto

Observou-se que 56% dos visitantes eram do sexo feminino, o mesmo padrão foi encontrado por Vidal *et al.* (2013), em pesquisa sobre perfil e percepção ambiental dos visitantes do flutuante dos botos, no Parque Nacional de Anavilhanas, Novo Airão, Amazonas, justificando que atualmente, as mulheres buscam com maior frequência espaços de lazer e o contato com a natureza em comparação aos homens. Spanevello *et al.* (2019), sugerem que a independência financeira das mulheres possibilitou a estas começarem a viajar com mais frequência, sozinhas ou em grupos. Em relação a faixa etária dos entrevistados 36% estavam entre 18 e 29 anos, quanto à escolaridade, a maioria dos moradores possuía nível básico (71%), enquanto os turistas tinham maior incidência de nível superior (54%). Diferentemente do encontrado por Moreira *et al.* (2019), ao analisarem o perfil a percepção dos visitantes de observação de animais silvestres no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha-PE, onde a maioria dos seus entrevistados tinha escolaridade de ensino superior e acima dos 40 anos.

A maioria (47%) dos visitantes era oriunda de Belém (tabela 1). Dos Santos Barros *et al.* (2018), encontrou resultados diferentes em sua pesquisa em Mocajuba com percepção arbórea cujo seus números de entrevistados oriundos da capital representavam cerca de 16%. Pode ser

pensado que a proximidade da capital do Estado com o município provavelmente fez despertar o interesse nos turistas do próprio Estado para conhecer a diversidade cultural da região.

Tabela 1

Localidade dos Entrevistados que estavam visitando o Mirante do Boto.

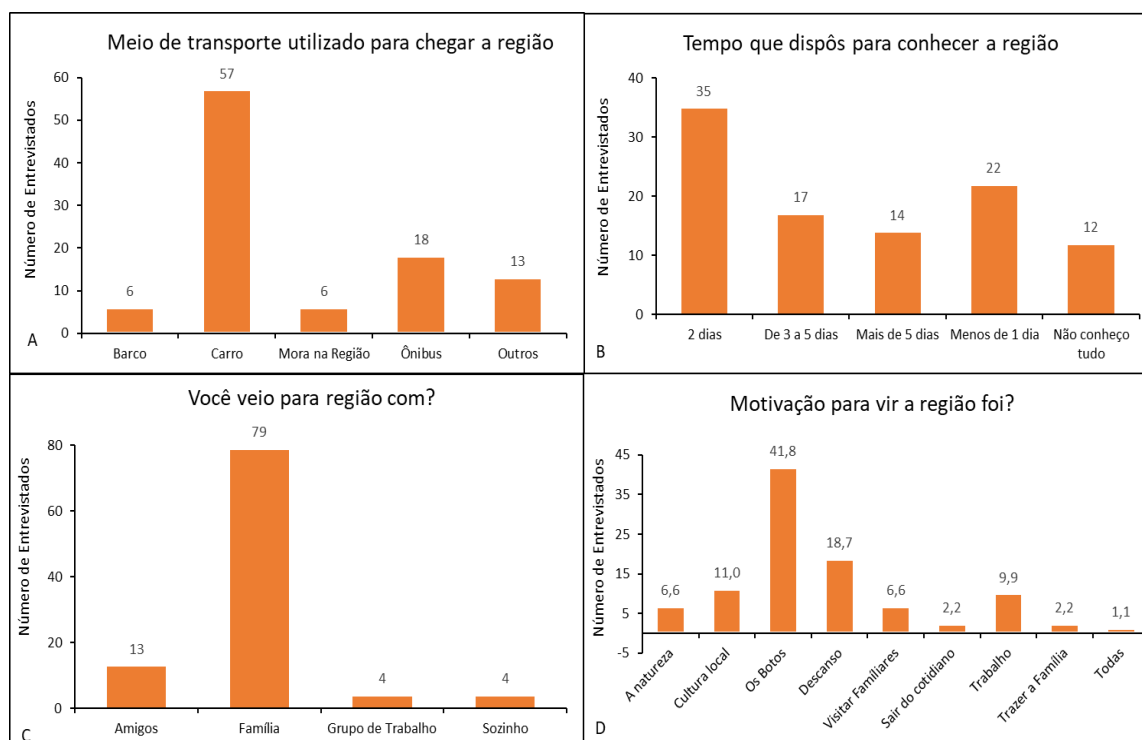
Município	N Amostral
Abaetetuba (PA)	1
Macapá (AP)	1
Ananindeua (PA)	8
Baião (PA)	2
Barcarena (PA)	1
Belém (PA)	47
Bragança (PA)	1
Cametá (PA)	2
Campo Grande (MS)	1
Fortaleza (CE)	1
Conceição do Araguaia (PA)	1
Limoeiro do Ajuru (PA)	1
Marabá (PA)	2
São Luiz (MA)	2
Marituba (PA)	1
Campo Grande (MS)	1
Mocajuba (PA)	17
Parauapebas (PA)	1
Rio Carai (PA)	1
Florianópolis (SC)	1
São Paulo (SP)	1
Tailândia (PA)	2
Tucuruí (PA)	4

Durante as entrevistas alguns moradores do Município que estavam no Mirante do boto, relataram que a maioria dos moradores já estão familiarizados com esses animais, além de muitos já terem feito algum tipo de interação com os botos onde ficavam anteriormente (Terminal hidroviário de Mocajuba).

Visualizou-se que o carro foi o meio de transporte mais utilizado (57%) (gráfico 1A) e a maioria afirmou ter feito viagens curtas, de até dois dias (gráfico 1B). Castro *et al.* (2020) encontraram resultados similares no seu estudo em Parques Urbanos, no qual 59% dos turistas utilizaram carro próprio como meio de transporte para chegarem ao local pretendido. Segundo Alves (2020), em Mocajuba nada é distante, permitindo a locomoção a pé, assim como existe mototáxi que pode facilitar esse deslocamento, além de o município ser relativamente pequeno, em área territorial, e plano.

Gráfico 1

Perguntas relacionadas a viagem para Mocajuba, PA. A- Meio de transporte utilizado para chegar à região, B- Tempo que dispôs para conhecer a região, C- Você veio para região com? e D- Motivação para vir a região foi?

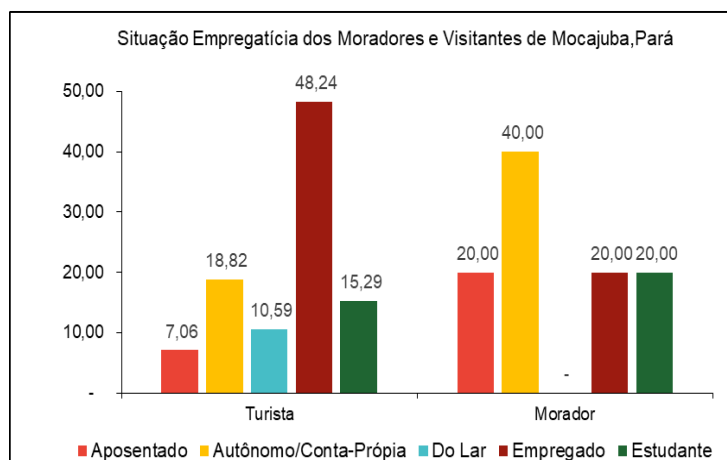


Em relação ao motivo da viagem e com quem vieram ao município, 79% responderam ter vindo para região com seus familiares (gráfico 1C) e a motivação para 41,8% era conhecer os botos (gráfico 1D). Resultados similares foram encontrados por Vidal *et al.* (2013), em sua pesquisa no flutuante dos botos, no Parque Nacional de Anavilhanas, onde os entrevistados disseram ter ido para a região com a família, tendo como motivação conhecer e apreciar a natureza do Parque. Esse motivo turístico difere do encontrado no presente estudo no Mirante do Boto, o que indica que a prefeitura de Mocajuba necessita explorar ou divulgar melhor as belezas naturais do município para impulsionar o turismo na região e não apenas em razão do Mirante.

Os entrevistados residentes no município de Mocajuba, em sua maioria autônomo (40%) (gráfico 2) responderam já ter trabalhado com o turismo (11,76%) e estavam todos a passeio no Mirante do Boto. Romagnoli (2009), em pesquisa sobre o ecoturismo com botos-vermelhos, constatou que a maior (48%) parte das atividades econômicas realizadas pelos moradores daquele local não estava relacionadas com o Turismo, pois essa atividade não implicou em benefícios econômicos aos moradores.

Gráfico 2

Representação da Situação empregatícia dos Entrevistados.



Percepção em Relação ao Boto

Observa-se que, quando perguntado aos entrevistados se já haviam visto o boto do Araguaia, 53% responderam que sim, além de 67% saberem o nome popular do animal. Dependendo da localidade e da cultura regional, essas espécies também são conhecidas popularmente como “boto-vermelho”, “boto-rosa” ou apenas “boto” (Tulchinski, 2020). Curiosamente, a maioria dos entrevistados (67%) afirmou ter medo do animal, apesar de o motivo principal de estar no Mirante ser o de conhecer o boto do Araguaia.

Ao serem questionados do porquê desse medo, verbalizaram que este estava ligado aos relatos dos “antigos” (idosos) e dos ribeirinhos sobre o “encantamento” do boto. Apenas 2% dos entrevistados disseram acreditar com convicção na capacidade desses animais se transformarem em homem e encantarem as moças, levando-as para o fundo do rio. Além disso, 44% dos informantes não sabiam dizer se essas lendas são verdadeiras ou não (tabela 2). Essa confusão se dá em razão da mistura do real com o imaginário dos povos tradicionais da região Amazônica, devido ao grande número de lendas de seres encantados, assombrados, sagrados, emblemáticos na cultura regional (Lima, 2014; Loureiro, 2019).

Tabela 2

Resposta dos visitantes do Mirante do Boto sobre a espécie, visualização, medo e misticismo.

Perguntas	Respostas	N Amostral
Você já tinha visto os botos?	Não	47
	Sim	53
Você sabia que esses são os botos do Araguaia?	Sim	67
	Não	33
Você tem medo dos Botos?	Sim	67
	Não	24
	Talvez	9
A história (mística) que contam sobre os botos é verdadeira?	Não	54
	Sim	2
	Não sei	44

Quanto ao hábito alimentar dos botos, 87% dos entrevistados disseram que sua base alimentar é a dieta de peixes. Isso indica o conhecimento dos visitantes sobre a dieta alimentar dos botos ou golfinhos de rios, que é, em sua maioria, à base de peixes piscívoros (Echeverría *et al.*, 2022). Porém, no Mirante do Boto, a maior parte do consumo dos botos do Araguaia é de peixes herbívoros, a exemplo, tambaqui (*Colossoma macropomum*), curimatã (*Prochilodus nigricans*), entre outros, geralmente oriundos da pesca local..

Tal fato não demanda preocupação, já que as espécies do gênero *Inia* tendem a se alimentar de vasta diversidade de peixes, principalmente durante o período de cheias dos rios e tendem a ser seletivos na estação de seca (Santos-Reis *et al.*, 2019). A respeito de saber do horário de alimentação, 43% informaram que os botos se alimentam pela manhã, o que pode ter sido influenciado pelo horário de visitação no Mirante do Boto com ocorrência das 07 h às 12 h, induzindo os mesmo a essa resposta. No entanto, na literatura é descrito que os botos são ativos no início da manhã e o final da tarde, principalmente entre os horários de 06h às 09h e de 15h às 16h (Da Silva, 2022).

No que se refere a percepção sobre a ameaça de extinção, para 53% dos visitantes, os botos estão ameaçados e 38% não acham estejam ameaçados. Silveira (2020) ressaltou que os botos, inclusive o boto do Araguaia (*I. araguaiaensis*) está entre os animais mais raros e mais ameaçados do mundo. No Livro da Capa Vermelha das Espécies Ameaçadas de Extinção o *I. araguaiaensis* é classificado com dados insuficientes, o que é alarmante, pois, apesar de essa espécie ser protegida por Leis Federais, Decretos e Portarias, as ações antrópicas continuam sendo ameaçadas por diversas ações antrópicas (Mendonça *et al.*, 2023).

Em relação à importância da conservação dos botos, 97% dos respondentes afirmaram que é importante sua conservação. Isso indica que os visitantes do Mirante do Boto de alguma

forma tiveram sensibilização ou simpatia por esse animal. Porém, é necessário a essas pessoas obterem um maior conhecimento acerca da importância ecológica e biológica do boto do Araguaia para saberem a real necessidade de preservá-lo. Quando testado a correlação entre a variável idade e conservação, obteve o resultado em que independente da faixa etária todos os visitantes estão preocupados com a conservação deste animal na natureza.

Sobre a classificação desses animais a maioria (66%) acertou ao classificá-lo como um mamífero, mesmo que para 28% estes sejam considerados peixes ou outro animal para 6% dos visitantes entrevistados. Embora muitas pessoas não saibam ou confundam os cetáceos (baleias, botos e golfinhos) com peixes devido sua forma e hábitos exclusivamente aquáticos, estes são biologicamente classificados como mamíferos (Flores *et al.*, 2022). Em relação ao modo de vida desses animais todos os respondentes afirmaram que eles vivem em grupo, essa resposta pode ter sido induzida por conta do aglomerado de botos que ficam no Mirante, ressaltando que esses animais se aglomeram em espaços para alimentação. Como Da Silva (2008), em estudos com o *Inia geoffrensis* observou que esses animais vivem de forma solitária, se agrupando apenas em áreas de forrageamento e/ou de reprodução. Geralmente quando encontrados em grupos são de 2 ou 3 indivíduos.

Logo, observa-se a importância do fortalecimento de um turismo de observação desses animais na natureza, assim como o fortalecimento do turismo de base comunitária para que a comunidade possa se beneficiar desse espaço para geração de renda. Para isso é necessário capacitação dos vendedores e moradores do município que tenham interesse em aprender possam desfrutar do benefício de um turismo consciente.

Turismo de Interação com os Botos

Quanto ao turismo de interação, para 94% dos entrevistados o boto do Araguaia é a principal atração turística de Mocajuba e da região (gráfico 5A). Além disso, a maioria (95%) dos indivíduos entrevistados tem a percepção que essa prática ecoturística é como algo benéfico para a região (gráfico 5B). Vale destacar que a atividade turística de interação com os botos, como a ocorrente em Novo Airão, no Amazonas, auxilia no desenvolvimento econômico de uma determinada cidade ou região quando estabelecida de forma regularizada (Alves *et al.*, 2011). Sendo o Mirante do Boto a principal atração turística do Município de Mocajuba e arredores (Alves, 2020), cabe aos gestores públicos normatizarem e investir nessa atividade para que traga

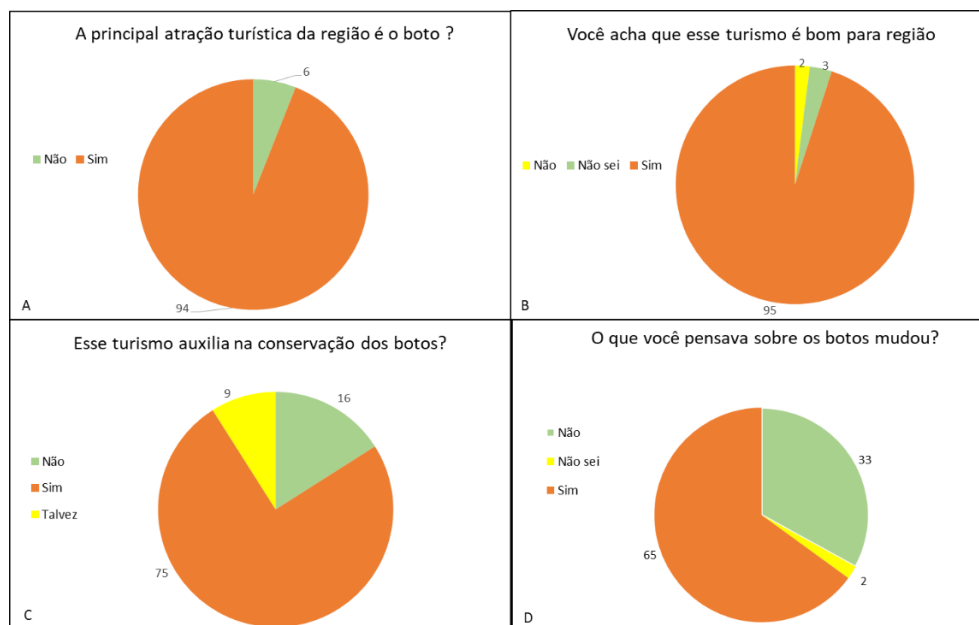
melhorias econômicas locais e auxiliem na preservação ambiental da região.

Quanto ao aspecto conservacionista, para 75% dos visitantes entrevistados no Mirante, essa prática turística de interação com o boto-do-Araguaia auxilia na conservação desses animais (gráfico 5C). Goulart (2023) relatou que o turismo de vida selvagem contribui consideravelmente para a preservação de toda a biodiversidade envolvida nessa prática. Já para Consentino e Ficher (2016), devido os cetáceos serem considerados dóceis e carismáticos e pelo caráter afetivo que desperta nas pessoas, esses animais podem ser utilizados como espécie bandeira para auxiliar na sua conservação e de todo o seu habitat (Moura, 2009). No entanto, para Gauthier (1993) é difícil reconhecer quais as reais vantagens para as espécies silvestres a partir das interações recreativas com os humanos.

Segundo Breheny (1998), existem duas preocupações básicas para a interação com animais, sendo, em primeiro lugar, que esta atividade deve ser estruturada com objetivos educacionais claros e de fáceis interpretações. Em segundo, é deixar de forma clara e precisa aos visitantes desses espaços de interação que os animais não são domésticos, para que se tenha o devido respeito pelos mesmos e por seu habitat. Sobre as possíveis mudanças de conceitos pré-existentes em relação ao animal, 65% dos respondentes afirmaram que após a interação com os botos houve mudança sobre o que se pensava dos mesmos (gráfico 5D).

Gráfico 3

Perguntas relacionadas ao turismo como, a principal atração turística é o boto (A), esse turismo é bom para a região (B), esse turismo auxilia na conservação dos botos (C) e o que você pensava sobre os botos mudou (D)?



Vidal *et al.* (2011), constataram que 53% dos visitantes entrevistados do flutuante de Novo Airão apresentaram sentimentos positivos (alegria, animação) ao realizarem a interação com botos naquele local. Em relação as atividades de interação realizada pelos visitantes, 52 pessoas realizaram interação a partir da alimentação dos botos (tabela 3). Porém, Macedo *et al.* (2020), ressaltaram que a alimentação como atrativo turístico para animais silvestres é prejudicial ao bem-estar deles, visto que os tornam cada vez mais dependentes do homem.

Tabela 3

Representação das atividades realizadas pelos visitantes do Mirante do Boto.

Atividade realizada	N amostral
Alimentou e Nadou com os botos	1
Alimentou e Observou os botos	4
Alimentou e Tocou nos botos	16
Alimentou os botos	2
Alimentou, Nadou e Tocou nos botos	4
Alimentou, Nadou, Observou e Tocou nos botos	6
Alimentou, Observou e Tocou nos botos	19
Tirou fotos de longe	1
Nadou e Tocou nos botos	1
Não realizou nenhuma atividade	1
Nunca interagiu	1

Observou	31
Observou e Tocou nos botos	4
Realizou todas as atividades	3
Tocou nos botos	6

Alguns visitantes (31%) realizam apenas observação visual dos animais, sem qualquer tipo de interação direta (tabela 3). Esse fato pode estar relacionado ao medo do boto que 61% dos visitantes entrevistados afirmaram ter do animal (tabela 3). Entretanto, a prática de turismo de observação da vida silvestre, de acordo com Gomes *et al.* (2022), pode ser benéfica por estar gerando emprego e renda para a comunidade local, para conservação das espécies e o equilíbrio ambiental, em razão de não haver interação direta com os animais. Estudos mostram que a prática de observação de cetáceos tem sido a de maior incidência no turismo mundial com crescimento de 12% ao ano entre 1998 e 2006, e até 2008 em torno de 199 países tinham adotado essa prática.

Apesar do contato com a natureza trazer novas sensações para quem visita áreas de interação com a vida selvagem. Deve-se ter em mente que tal prática se recorrente pode ocasionar em mudança comportamental, dos animais envolvidos, pois estes deixarão de ter comportamento de vida livre e passarão a se comportar como animais em semicativeiro. Além de estarem propenso ao desenvolvimento de zoonoses devido a interação ao contato direto com seres humanos. Desta forma, acreditar que a interação entre homem e a natureza só traz benefícios e um tanto frustrante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelaram uma alta valorização ambiental por parte dos visitantes, especialmente quanto à importância da conservação da espécie *Inia araguaiaensis*. Pois, quando os visitantes do Mirante do boto afirmam que a prática desenvolvida nesse espaço auxilia na conservação desses animais. No entanto, práticas como a alimentação dos botos persistem, incluindo filhotes que estejam presentes nesse espaço evidenciando a necessidade de maior orientação ambiental no local. Sugere-se a implantação de programas educativos e a promoção de modelos alternativos de turismo, como por exemplo o turismo de observação. Pensando em métodos em que o contato com humanos seja de menor potencial a saúde e ao bem-estar dos animais.

Nesse contexto também se faz necessário políticas públicas específicas para regulamentar as atividades turísticas no Mirante do Boto, garantindo a sustentabilidade do espaço e a

preservação da biodiversidade regional. Portanto, ao ser apresentado aos visitantes atividades de interação com os botos como a principal atração turística na região, se faz necessário a fomentação de políticas públicas para o desenvolvimento de um turismo de base comunitária, para que assim possa se garantir o equilíbrio entre uso turístico e conservação.

REFERÊNCIAS

- Alves LCPS, Andriolo A, Orams MB, Azevedo AF. (2011) The growth of “botos feeding tourism”, a new tourism industry based on the boto (Amazon river dolphin) *Inia geoffrensis* in the Amazonas State, Brazil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, 11(1): 8-15. <https://doi.org/10.13102/scb140>.
- Alves, V. M. (2020). Corpo, ambiente e aprendizagem: etnografia sensorial sobre o mundo da vida cotidiana em comunidades camponesas amazônicas.
- Best, R. C.; Da Silva, V. M. F. Amazon River Dolphin Boto *Inia geoffrensis* (De Blainville 1817). In: RIDGWAY, S. H. Y.; HARRISON, R. (Eds.). *Handbook Of Marine Mammals, River Dolphins And Larger Toothed Whales*, London: Academic Press, v. 4, p.1-2. 1989.
- Brasil, R. C., & Silva, L. F. (2020). Educação ambiental e percepção dos visitantes em unidades de conservação: Um estudo no Parque Nacional da Chapada Diamantina. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 9(3), 45–57. <https://doi.org/10.24857/rgas.v9n3-005>.
- Breheny, J. (1998). Bronx Zoo/Wildlife Conservation Park Policy Regarding the Use of Live Animals for Wildlife Educational and Promotional Purposes', Second Pan American Congress on Wildlife Conservation through Education Internet Conference.
- Costa, M. A., Oliveira, J. T., & Fernandes, E. (2021). Análise do perfil dos visitantes em parques estaduais do Nordeste brasileiro. *Turismo Visión*, 19(2), 123–140.
- Da Silva, V.; Goulding, M.; Barthem, R. (2008). Golfinhos da Amazônia. 1ª ed. Editora Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA. Manaus, brasil. 43 pp.
- Dos Santos Barros, V., Martins, C. M., dos Santos, M. A. S., Rebello, F. K., Monteiro, C. W. B., & Mesquita, I. S. B. (2019). Avaliação da organização arbórea e a percepção dos usuários das praças do município de Mocajuba, Estado do Pará, Brasil. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*.
- Echeverria, A., Botta, S., Marmontel, M., Melo-Santos, G., Fruet, P., Oliveira-da-Costa, M., ... & Van Damme, P. A. (2022). Trophic ecology of Amazonian River dolphins from three rivers in Brazil and Bolivia. *Mammalian Biology*, 102(5-6), 1687-1696.
- Gauthier, D. A. (1993). Sustainable development, tourism and wildlife. *Tourism and sustainable development: Monitoring, planning, managing*, 97.

- Hrbek, T., da Silva, V. M. F., Dutra, N., Gravena, W., Martin, A. R., & Farias, I. P. (2014). A New Species of River Dolphin from Brazil or: How Little Do We Know Our Biodiversity. *PLoS ONE*, 9(1), e83623. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0083623>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). População. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=N%C3%ADvel%20de%20Instru%C3%A7%C3%A3o&text=No%20Brasil%2C%2053%2C%25,%2C%25%20no%20mesmo%20ano>.
- Instituto Araguaia (2021). Projetos: Como um drone pode contar golfinhos. [https://www.araguaia.org/projetos#:~:text=O%20boto%2Ddo%2DAraguaia%20\(%20chave%20para%20a%20sua%20conserva%C3%A7%C3%A3o](https://www.araguaia.org/projetos#:~:text=O%20boto%2Ddo%2DAraguaia%20(%20chave%20para%20a%20sua%20conserva%C3%A7%C3%A3o).
- Lima, D. D. M. (2014). O homem branco e o boto: o encontro colonial em narrativas de encantamento e transformação (médio rio Solimões, Amazonas). *Teoria e sociedade*, 173-201.
- Loureiro, J. D. J. P. (2019). *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Editora cultural Brasil.
- Marin, A. A. (2008). Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. *Pesquisa em educação ambiental*, 3(1), 203-222.
- Menegaldo, L. R., Pereira, H. D. S., & Ferreira, A. D. S. (2013). Interações socioculturais com a fauna silvestre em uma unidade de conservação na Amazônia: relações de gênero e geração. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 8, 129-151.
- Moutinho, L. (2000). Segmentation, targeting, positioning and strategic marketing. In: L. Moutinho (Ed.). *Strategic management in tourism* New York: CABI Publishing, pp. 121-166.
- Moura, J. F. D. (2009). *O boto-cinza (Sotalia guianensis) como sentinela da saúde dos ambientes costeiros: estudo das concentrações de mercúrio no estuário Amazônico e costa norte do Rio de Janeiro* (Dissertação de Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, Brasil. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2480>
- Moreira, J. C., Haura, F. K., Burns, R. C., & Caires, A. M. (2019). Perfil, Percepção dos Visitantes e a Observação de Animais Silvestres: Estudo de Caso do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha-PE. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 9(1, 2 e 3).
- Orams, M. B. (2002). Feeding wildlife as a tourism attraction: a review of issues and impacts. *Tourism Management*, 23(3), 281–293. [https://doi.org/10.1016/s0261-5177\(01\)00080-2](https://doi.org/10.1016/s0261-5177(01)00080-2).
- Rocha, P. L., & Lima, T. G. (2017). Ecoturismo e interação humano-animal: Uma análise crítica das práticas em unidades de conservação no Brasil. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 10(2), 112–125.

- Romagnoli, F. C. (2009). Interpretação ambiental e envolvimento comunitário: ecoturismo como ferramenta para a conservação do boto-vermelho, *Inia geoffrensis*.
- Rodrigues, A. L. F. (2015). Conhecimento etnozoológico de estudantes de escolas públicas sobre os mamíferos aquáticos que ocorrem na Amazônia.
- Santos, I. D. (2017). *O boto é pescador? As dimensões humanas das interações entre a pesca e os pequenos cetáceos na Amazônia Oriental*. 2017 (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca) –Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Biológicas, Belém, PA).
- Santos, G. M. A. D. (2018). Acoustic ecology of dolphins of the genus *Sotalia* (Cetartiodactyla, Delphinidae) and of the newly described Araguaian boto *Inia araguaiaensis* (Cetartiodactyla, Iniidae).
- Silveira, F. L., & Souza, J. R. (2019). Perfil e comportamento do turista na Amazônia brasileira. *Geografia e Turismo*, 16(1), 45–60.
- Tuan, Y. F. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. SciELO-EDUEL.
- Vasconcellos, M. (2018). *Turismo e desenvolvimento sustentável: bases para uma gestão responsável*. Editora Senac.
- Vidal, M. D. (2011). Botos e turistas em risco. *Ciência Hoje*, 47(281), 73-75.
- Vidal, M. D., da Costa Santos, P. M., de Oliveira, C. V., & de Melo, L. C. (2013). Perfil e percepção ambiental dos visitantes do flutuante dos botos, Parque Nacional de Anavilhanas, Novo Airão–AM. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 7(3), 419-435.
- WWFBrasil. (2003). Manual de ecoturismo de base comunitária. *Ferramentas para um Planejamento Responsável*. [Organização: Sylvia Mitraud] WWF Brasil, Brasília, DF. http://www.ecobrasil.eco.br/images/BOCAINA/documentos/didaticos/manual_ecotur_wwf_2003.pdf.
- Zeineddine, GC, de Oliveira, KS, Ramires, M., Barrella, W., & Guimarães, JP (2018). Percepções dos pescadores artesanais ea pesca acidental de tartarugas marinhas na reserva de desenvolvimento sustentável barra do una, Peruíbe/SP. *Ethnoscintia-Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*.